

Mudanças na biota vaginal de cabras submetidas a protocolo de indução de estro sincronizado

Changes on the vaginal biota of goats following protocol of estrus induction and synchronization

J.S.K. Oliveira^{1,3}, J.F. Fonseca², L.V. Esteves¹, G. Martins¹, B. Penna¹, W. Lilenbaum¹,
L.M. Figueira¹, F.Z. Brandão¹

¹Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ; ²Embrapa, Núcleo Caprinos e Ovinos, Coronel Pacheco, MG.

³E-mail: jskuhner@yahoo.com

Introdução

Esponjas intravaginais vêm sendo o tratamento de escolha para sincronização de estro em pequenos ruminantes (Wildeus, 2000). Entretanto, estes dispositivos são um fator predisponente para infecções vaginais, levando os animais a um quadro de vaginite (Padula e Macmillan, 2006). O objetivo deste estudo foi avaliar as mudanças na biota vaginal de cabras submetidas a protocolo curto de indução de estro sincronizado.

Material e Métodos

Trinta e duas cabras tiveram estro induzido com uso de esponjas intravaginais impregnadas com 40mg de medroxiprogesterona, que permaneceram por um período de seis dias. No dia que antecedeu a retirada da esponja, foram aplicados por via intramuscular 200 UI de eCG e 0,4mg de d-Cloprostenol. O muco vaginal foi coletado da vagina do animal com o uso de swabs estéreis e as amostras destinadas à cultura. As amostras foram coletadas antes da inserção do implante (T1), na retirada do implante (T2) e 24h (T3), 48h (T4) e uma semana após a retirada (T5).

Resultados e Discussão

Os resultados encontram-se apresentados nas tabelas abaixo.

Tabela 1 Contagem de UFC ao longo dos períodos avaliados de cabras submetidas a protocolo curto de indução hormonal

	UFC >2.0x10 ⁴	UFC ≤2.0x10 ⁴	UFC ≥10 ⁵
T1	39,39% (13/33)	54,54% (18/33)	6,06% (2/33)
T2	27,58% (8/29)	10,34% (3/29)	62,06% (18/29)
T3	50,00% (16/32)	9,37% (3/32)	40,62% (13/32)
T4	40,00% (10/25)	24,00% (6/25)	36,00% (9/25)
T5	29,16% (7/24)	37,50% (9/24)	33,33% (8/24)

Tabela 2 Principais bactérias isoladas ao longo dos períodos avaliados de cabras submetidas a protocolo curto de indução hormonal

	T1	T2	T3	T4	T5
<i>Staphylococcus</i> s sp.	63,63% (21/33)	17,24% (5/29)	53,12% (17/32)	56,00% (14/25)	76,00% (19/24)
<i>Klebsiella pneumoniae</i>	12,12% (4/33)	27,58% (8/29)	12,50% (4/32)	24,00% (6/25)	12,50% (3/24)
<i>Echerichia coli</i>	12,12% (4/33)	44,82% (13/29)	34,37% (11/32)	16,00% (4/25)	8,3% (2/24)
<i>Proteus vulgaris</i>	12,12% (4/33)	3,44% (1/29)	0,00% (0/32)	0,00% (0/25)	0,00% (0/24)
<i>Pseudomonas aeruginosa</i>	0,00% (0/33)	6,89% (2/29)	0,00% (0/32)	0,00% (0/25)	0,00% (0/24)

No T1 a contagem de UFC foi a mais baixa, com predomínio do gênero *Staphylococcus*. Isso ocorre possivelmente em razão desse gênero fazer parte da microbiota normal. A partir de T2, a contagem de UFC aumentou exponencialmente. Esse achado claramente indica que a presença do implante favorece o aparecimento de vaginites bacterianas. A partir de T4 pode-se observar o restabelecimento da microbiota normal, novamente com predomínio do gênero *Staphylococcus*.

Referências bibliográficas

Wildeus, S. Current concepts in synchronization of estrus: sheep and goats. *J Anim Sci*, v.77, p.1-14, 2000.

Padula AM, Macmillan KL. Effect of treatment with two intravaginal inserts on the uterine and vaginal microflora of early postpartum beef cows. *Aust Vet J*, v.84, p.204-208, 2006.

Palavra-chave: biota, estro, sincronização, vaginite.

Keywords: biota, estrus, synchronization, vaginitis.

Financiamento: FAPERJ.